

Breves Considerações sobre a Operação “Carne Fraca”

Marcelo Zero

A operação “Carne Fraca”, embora conduzida com estardalhaço irresponsável, comprova, mais uma vez, que o grupo político responsável pelo golpe de Estado contra a presidenta honesta é visceralmente corrupto. Neste caso, as denúncias atingem, em cheio, o PMDB e o PP, partidos centrais da base de apoio ao governo ilegítimo de Michel Temer.

Chama a atenção, em especial, o fato de que o Ministro da Justiça do governo golpista, Osmar Serraglio, esteja diretamente envolvido no episódio. Com efeito, gravações da Polícia Federal captaram o atual ministro da Justiça em conversa com o fiscal agropecuário Daniel Gonçalves Filho, alvo maior da Operação Carne Fraca. Na conversa gravada, Serraglio chama o alvo maior de “grande chefe” e pede sua intervenção para resolver um “problema” em um frigorífico do Paraná.

Conforme informações veiculadas por diversos órgãos de imprensa, a Senadora Kátia Abreu teria, quando à frente do Ministério, pedido a demissão do senhor Daniel Gonçalves Filho, mas teria sido impedida pelo lobby liderado justamente por Osmar Serraglio.

Esse novo grande escândalo causa grave comoção, porque envolve a segurança alimentar, saúde e o bem-estar de milhões de consumidores brasileiros, ameaçados pela falta de escrúpulos de empresários, homens públicos e servidores ligados ao golpe.

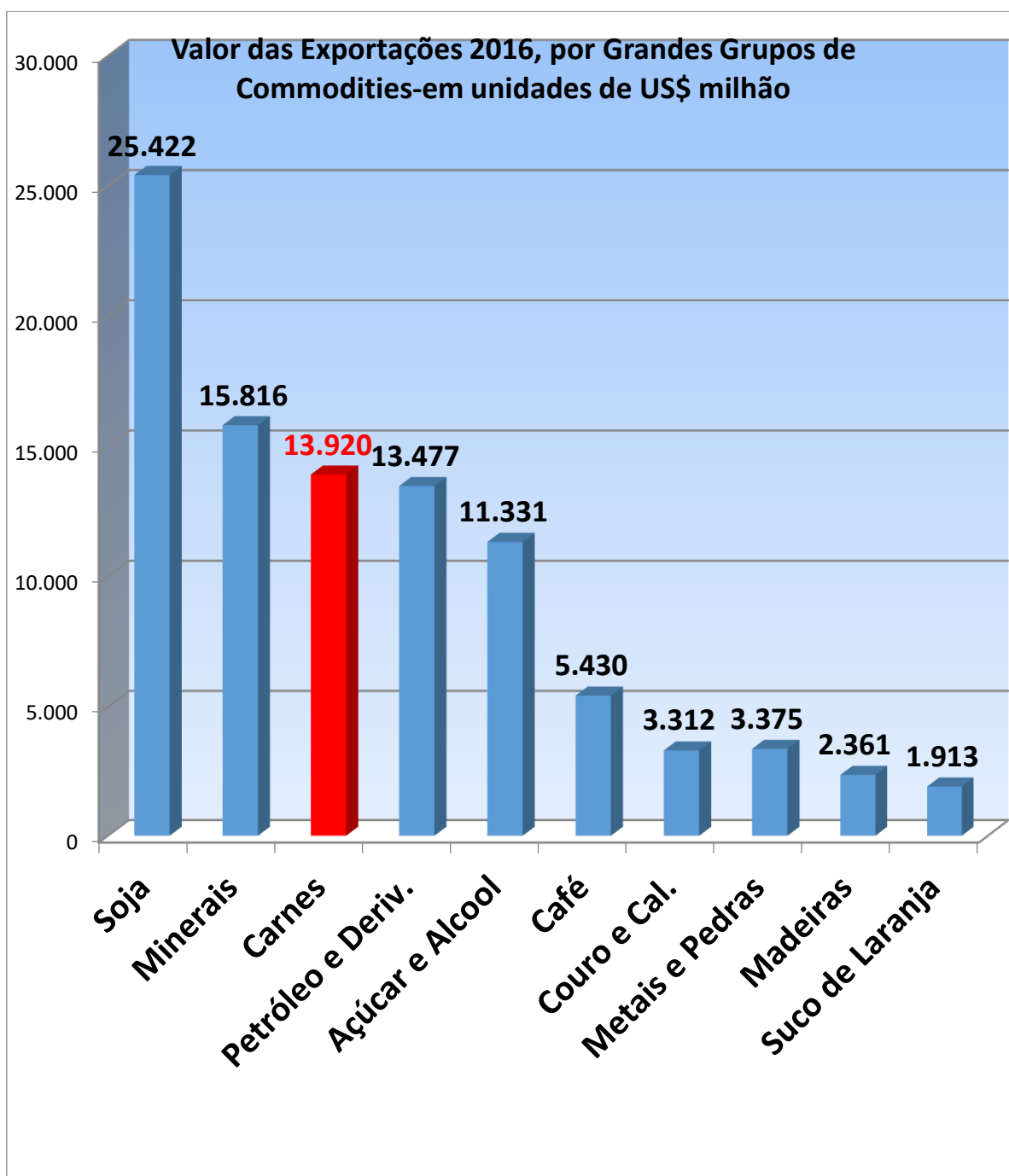
No entanto, é preciso considerar também, neste caso rumoroso, o gravíssimo dano potencial que o novo escândalo poderá causar a um setor de extrema importância para o Brasil, suas exportações e seus empregos.

O nosso país responde por cerca de 40% das exportações mundiais de carne avícola, 20% das de carne bovina e de quase 9% das suínas. Em 2016, o Brasil foi o segundo maior exportador de carne bovina do mundo, perdendo apenas, e por pouco, para a Índia, que não consome internamente o produto por motivos religiosos. Também em 2016, o Brasil voltou a ser o maior exportador mundial de carne de aves.

Tal setor estimula uma longa cadeia produtiva que envolve milhões de brasileiros e suas famílias, inclusive de pequenos agricultores e criadores. Obviamente, há países que estão de olho nesse mercado, principalmente

EUA e Austrália, nossos maiores competidores em um setor extremamente disputado e competitivo.

Com efeito, a cadeia das carnes foi responsável, apenas em 2016, pela exportação de quase US\$ 14 bilhões. Na área agrícola, só perde para o complexo da soja, como se observa no gráfico abaixo.



Fonte: MDIC, Elaboração: Marcelo Zero

Esse grande destaque internacional do setor não aconteceu da noite para o dia. Embora o Brasil tenha vantagens naturais nessa produção (clima adequado, terras e água doce em abundância, que barateiam os custos), a excelência do Brasil na área foi obtida essencialmente por investimentos maciços em técnicas de produção e, mais recentemente, por um controle sanitário que está a par dos existentes em países desenvolvidos.

A demorada, custosa e bem-sucedida luta contra a febre aftosa, em particular, permitiu que o Brasil ocupasse espaços que antes estavam fechados ou parcialmente fechados à nossa produção de carne bovina. Com isso, conquistamos os estratégicos mercados na Rússia, na União Europeia e até nos EUA.

Nessa análise, há de se considerar que a forma usualmente utilizada para se erguer obstáculos comerciais contra a produção agropecuária no mercado mundial tange primordialmente às barreiras sanitárias e fitossanitárias. O Acordo de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias da OMC permite, mediante seu artigo 5.7, a adoção de tais medidas **sem comprovação científica**, obedecendo ao princípio de precaução. Tal artigo prevê somente que o país que as adote leve em conta “informações científicas disponíveis”, incluindo-se aquelas previstas por relevantes organizações internacionais e por outros Membros.

Ora, informações disponíveis podem ser qualquer coisa, inclusive aquilo que sai na imprensa do país afetado. Embora o citado Acordo também preveja que o país que imponha as medidas sanitárias deverá conseguir as informações necessárias a fim de obter uma análise de risco mais objetiva, revisando a aplicação das medidas num período de tempo razoável, isso normalmente demora a ocorrer.

A comprovação, na OMC, de que a medida acautelatória não procede pode demorar meses ou anos. Nesse ínterim, os contratos de importação serão desfeitos e o mercado poderá ser ocupado por países concorrentes, tornando a reconquista do espaço perdido penosa e demorada, quando não impossível.

Por isso, é extremamente preocupante a divulgação irresponsável, parcial e açodada da operação Carne Fraca, que generaliza acusações, as quais, aparentemente, só podem se dirigidas contra uma pequena parcela não exportadora de um setor estratégico gigantesco. Mesmo as informações que dão conta de “maquiagem” de produtos são questionáveis, uma vez que, numa primeira análise, foram retiradas de contexto apropriado. Assim, a

menção ao “papelão” parece fazer referência à embalagem, e não a sua “inclusão no produto final”.

Entretanto, as reações internacionais ao escândalo já começam a aparecer. A Coreia do Sul, a União Europeia, a China, o maior importador de alimentos do Brasil, e até mesmo o vizinho Chile, anunciaram medidas restritivas contra a importação de carnes brasileiras. Isso deverá desencadear um efeito dominó nos principais mercados do produto. Os danos poderão ser substanciais.

Em certos setores da esquerda, propugna-se a ideia de que não se deva defender um setor notório por seus problemas trabalhistas (trabalho escravo, exploração de pequenos agricultores, etc.) e ambientais (desmatamento, tratamento inapropriado de resíduos, uso extensivo de agrotóxicos, etc.). De fato, esses problemas existem, são muito graves e merecem nossa crítica e nossa luta. Também não podemos desconhecer que o nosso apoio tem de ir primordialmente para a agricultura familiar, base da produção para o mercado interno, e para os trabalhadores explorados do campo.

Contudo, é preciso destacar que o setor das carnes engloba uma longa cadeia produtiva, que envolve um sem número de atividades.

Somente a cadeia da produção de carne bovina gera uma movimentação financeira de 167,5 bilhões de dólares, segundo dados de 2010, e arrecada 16,5 bilhões em impostos agregados, abastecendo cerca de 50 segmentos industriais com matérias-primas. Em reais, os números correspondem a R\$ 328,3 bilhões movimentados em um ano e correspondem a 8% do Produto Interno Bruto (PIB), que atingiu R\$ 4,143 trilhões em 2011, e R\$ 32,3 bilhões em impostos correspondentes.

A cadeia das aves é ainda mais complexa e engloba a cadeia produtiva de segmentos de seleção genética, de criação de matrizes avós (avozeiro), de criação de matrizes pais (matrizeiro), de engorda (aviário), de abate, de distribuição, de rações, de medicamentos e de coordenação central. **Em 2012, esse setor, sozinho, respondia por cerca de 3,6 milhões de empregos diretos e indiretos.**

Na realidade, a base da produção de aves e suínos engloba muitos pequenos agricultores, que dependem das exportações para seu sustento. Portanto, os danos não ocorrerão apenas em grandes empresas do agronegócio, mas em todo um setor econômico que gera empregos e renda para trabalhadores rurais e para pequenos agricultores e suas famílias. Como sempre, caso haja

redução da produção do setor, as principais vítimas serão os trabalhadores e os pequenos produtores; não as grandes empresas, que socializarão seus prejuízos. Saliente-se que as exportações de carnes vinham compensando a redução da demanda doméstica ocasionada pela depressão econômica. Caso as exportações se reduzam, o setor inevitavelmente entrará em crise.

Há de se observar também, a esse respeito, que o golpe, em conjunto com operações desastradas da Polícia Federal, já causou danos imensos à cadeia de petróleo e gás, à construção civil pesada do país, à política de conteúdo nacional, à indústria naval, à indústria de defesa, aos setores produtivos que dependem do BNDES e a muitos outros setores que sofrem com a depressão da economia e com a falta de estímulos do governo à produção nacional. Não podemos deixar que outro grande setor seja também destruído.

Em sua ânsia de favorecer o capital financeiro e os investidores estrangeiros, seus grandes fiadores, o governo golpista começa a desagradar alguns setores produtivos cujos interesses são diferentes do rentismo e das empresas sócias do capital internacional, bem como interesses sedimentados no aparelho de Estado.

No mundo inteiro, o nacionalismo ressurgiu com força, dada à frustração com a globalização “financeirizada”, que não consegue dar respostas para a grave crise. No Brasil, a aposta míope, ideológica e anacrônica do golpe na inserção subalterna “às cadeias internacionais de valor” poderá provocar, com o tempo, reação semelhante.

O fato concreto é que essa emergente luta nacional possibilitaria a agregação de segmentos bastante amplos e diversificados, como sindicatos de trabalhadores, empresários nacionais, diplomatas, militares, engenheiros, cientistas, petroleiros, prestadores de serviços, bancários, etc. A exploração sistemática dessa luta nacional abre a possibilidade de alianças táticas com grupos e setores que não estão ainda envolvidos na oposição ao golpe.

Mas além da crítica a esse aspecto “entreguista e antinacional” do golpe, há de se fazer também uma avaliação crítica sistemática da forma como as operações da Polícia Federal vêm sendo conduzidas. Há nelas um nítido padrão de “espetacularização”, superficialidade e parcialidade investigativa, que causa prejuízos incalculáveis ao país.

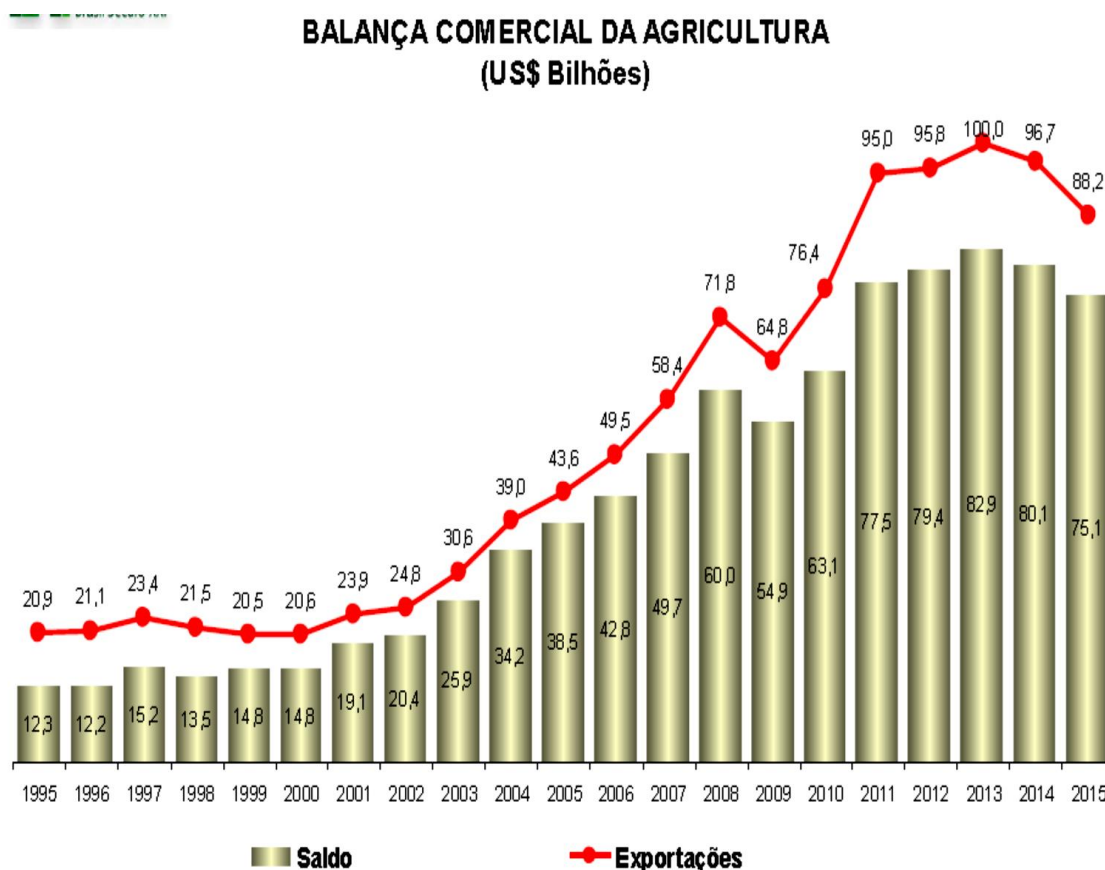
Não sabemos afirmar, a priori, se esse padrão contrário ao interesse nacional é causado apenas por “burrice” (como afirma Nassif), ignorância

em relação aos grandes temas geopolíticos e geoeconômicos, formação deficiente de servidores públicos, messianismo de delegados e procuradores, ou se há subserviência suscitada por interesses e valores externos, o que seria algo de gravidade extrema, que mereceria investigação aprofundada.

Porém, a verdade incontestável é que esse padrão está provocando danos econômicos severos e talvez irreparáveis.

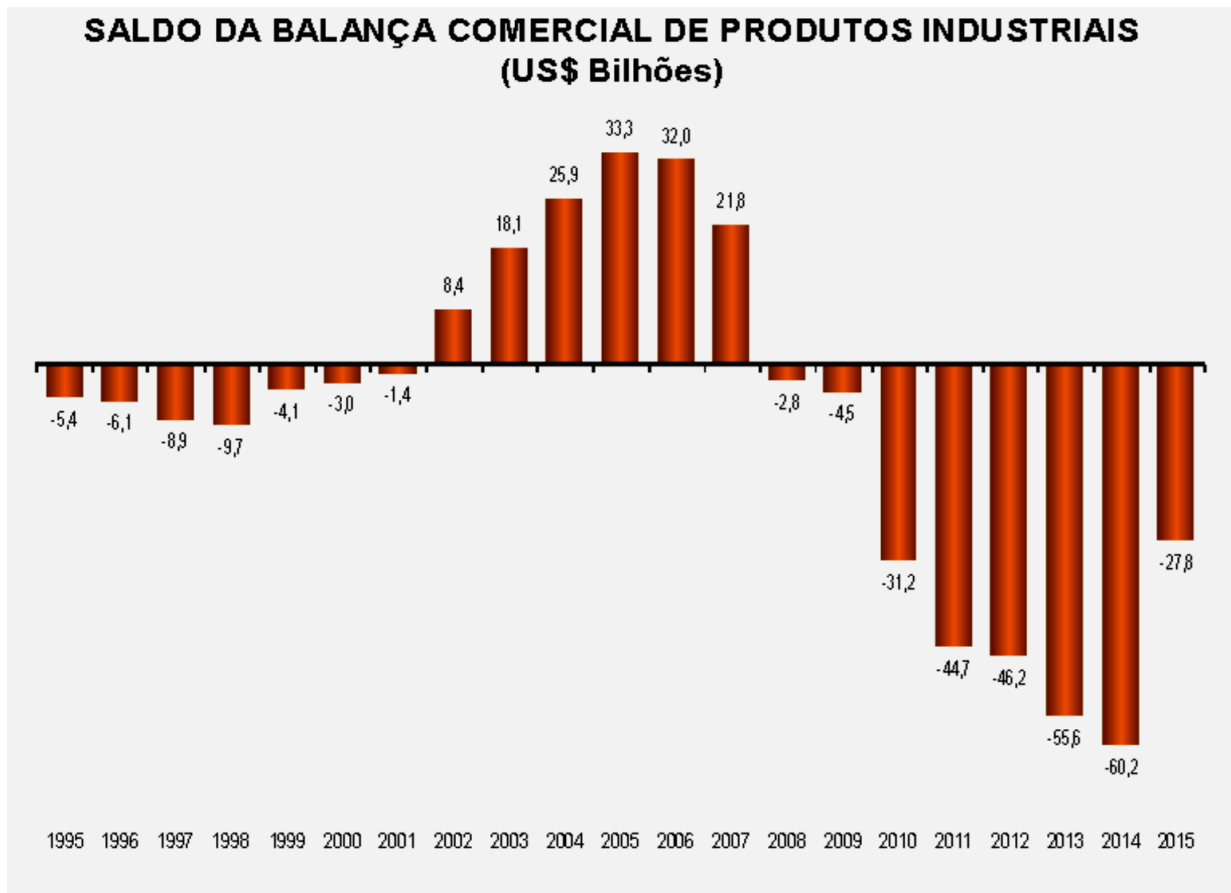
Um a um, os setores econômicos estratégicos do país (petróleo e gás, construção civil, indústria de defesa, etc.) estão sendo fragilizados. Esse ataque ao setor de carnes, um dos pilares do agronegócio brasileiro, poderá sepultar as perspectivas reais de o Brasil recuperar seu dinamismo econômico.

Afinal, a agricultura é fundamental para a economia nacional e para o comércio exterior do Brasil, como se observa pelo gráfico abaixo.



Fonte: Vinte Anos de Economia Brasileira- Centro de Altos Estudos-CGEE

Essa balança comercial positiva da nossa agricultura compensa o grande déficit da balança comercial da indústria, que se configurou com a crise mundial.



Fonte: Vinte Anos de Economia Brasileira-Centro de Altos Estudos-CGEE

Não se trata, evidentemente, de se defender o indefensável ou de não investigar o que tenha de ser investigado, mas de fazê-lo com inteligência, preservando setores estratégicos do país e o emprego e a renda dos nossos trabalhadores.

Apêndice Estatístico

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA 2016

(BRASIL 2º MAIOR EXPORTADOR ATRÁS DA ÍNDIA)

PRINCIPAIS DESTINOS

	VALOR - US\$	TONELADAS
TOTAL EXPORTADO	5.338.511.597	1.348.869.898
HONG KONG	1.006.335.385	285.095.970
CHINA	703.069.555	164.871.675
EGITO	551.207.062	176.845.269
RUSSIA	408.138.469	138.784.217
IRA REP.ISL.DO	374.310.252	96.190.410
CHILE	300.702.269	71.012.893
ESTADOS UNIDOS	283.692.616	33.180.225
ITALIA	188.733.835	30.079.163
PAISES BAIXOS	176.092.200	22.416.562
REINO UNIDO	138.681.363	30.545.674
VENEZUELA	130.794.103	22.507.934
ARABIA SAUDITA	112.358.275	29.209.860
EMIR.ARABES UN.	82.358.188	19.652.433
ISRAEL	73.061.452	15.070.745
ARGELIA	71.256.994	18.193.934
ALEMANHA	70.135.188	9.779.355
CINGAPURA	65.928.289	16.417.886
LIBANO	64.147.744	12.978.723
FILIPINAS	54.660.042	20.388.047
ESPAÑA	48.919.128	8.295.744

FONTE: MAPA

Elaboração : Gerson Teixeira

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FRANGO 2016

(BRASIL MAIOR EXPORTADOR MUNDIAL)

PRINCIPAIS DESTINOS

	VALOR US\$	TONELADAS
TOTAL EXPORTADO	6.760.227.977	4.307.060.934
ARABIA SAUDITA	1.157.023.920	746.286.358
CHINA	859.482.854	483.768.802
JAPAO	729.725.969	397.062.269
EMIR.ARABES UN.	478.319.640	301.593.542
PAISES BAIXOS	402.050.514	181.814.869
HONG KONG	357.246.299	248.564.677
REINO UNIDO	234.557.409	88.997.843
CINGAPURA	185.211.253	97.365.888
COREIA, REP. SUL	169.608.300	91.518.947
COVEITE	162.988.985	108.502.733
ALEMANHA	152.573.419	77.630.399
EGITO	140.207.599	97.202.923
VENEZUELA	129.001.446	56.065.752
OMA	123.265.200	81.936.126
RUSSIA	107.361.717	91.110.506
IRAQUE	106.100.262	71.861.732
CATAR	105.484.389	71.211.590
MEXICO	101.098.636	59.295.395
AFRICA DO SUL	98.717.348	221.866.091
IEMEM	88.836.716	64.181.219

FONTE: MAPA

Elaboração: Gerson Teixeira

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE SUÍNOS 2016

(BRASIL 4º MAIOR EXPORTADOR MUNDIAL (ATRÁS DE EUA-UE-CANADÁ))

PRINCIPAIS DESTINOS

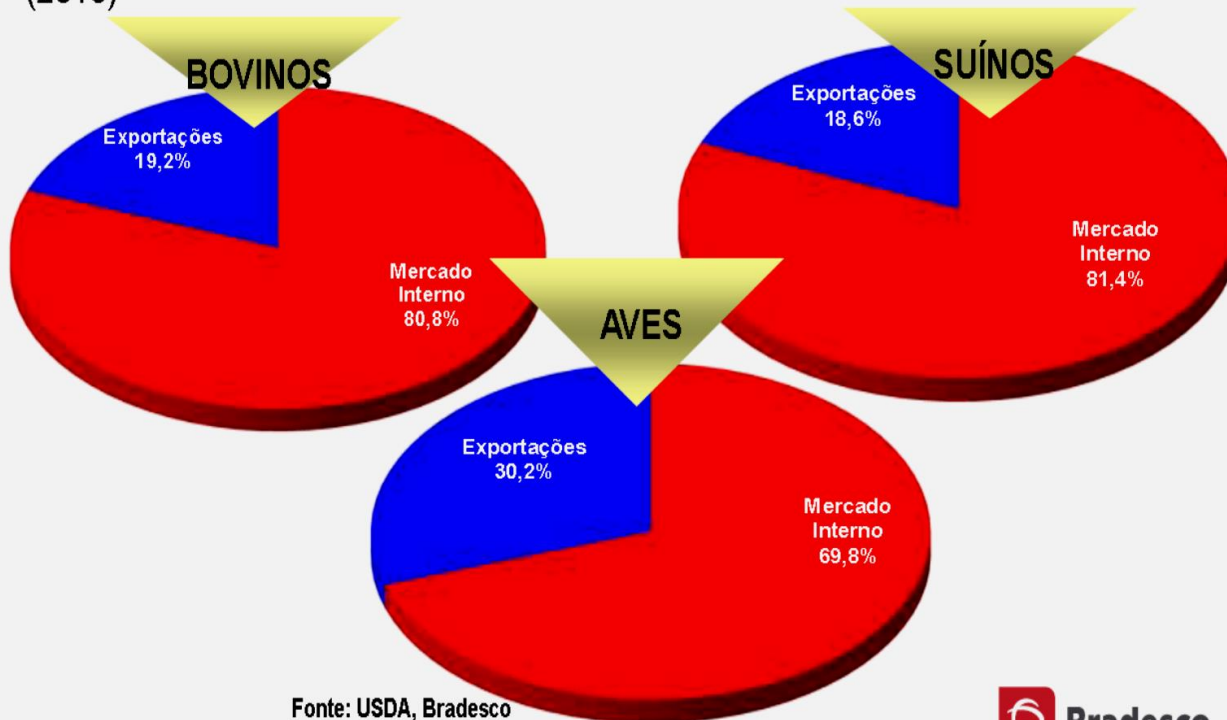
	VALOR – US\$	TONELADAS
TOTAL EXPORTADO	1.469.539.184	720.104.293
RUSSIA	519.729.578	245.023.076
HONG KONG	307.505.336	164.143.815
CHINA	189.574.356	87.856.398
CINGAPURA	71.802.058	32.680.564
ARGENTINA	67.868.605	25.278.081
URUGUAI	62.900.484	28.980.787
CHILE	51.488.955	23.198.492
VENEZUELA	41.330.145	8.518.278
ANGOLA	39.732.945	29.745.411
EMIR.ARABES UN.	18.701.580	8.131.061
GEORGIA,REP.DA	15.622.612	8.754.848
ALBANIA	7.320.147	3.952.540
JAPAO	6.437.265	1.871.098
CONGO,REP.DEM.DO	6.187.311	6.724.071
ARMENIA	6.166.377	3.716.712
ESTADOS UNIDOS	6.010.093	2.468.897
AZERBAIJAO	4.993.011	2.600.629
VIETNA	4.076.176	2.422.354
FILIPINAS	4.059.807	3.101.014
PARAGUAI	3.969.400	2.455.730

FONTE: MAPA

Elaboração: Gerson Teixeira

COEFICIENTE DE EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO CARNES BRASILEIRO

(2016)

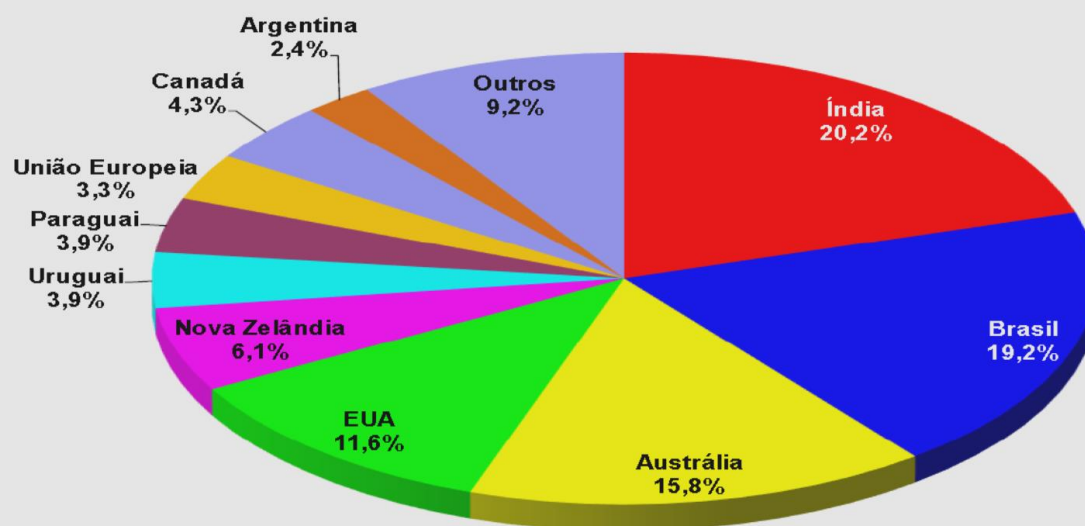


Fonte: USDA, Bradesco



EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA

(ranking mundial, 2016)

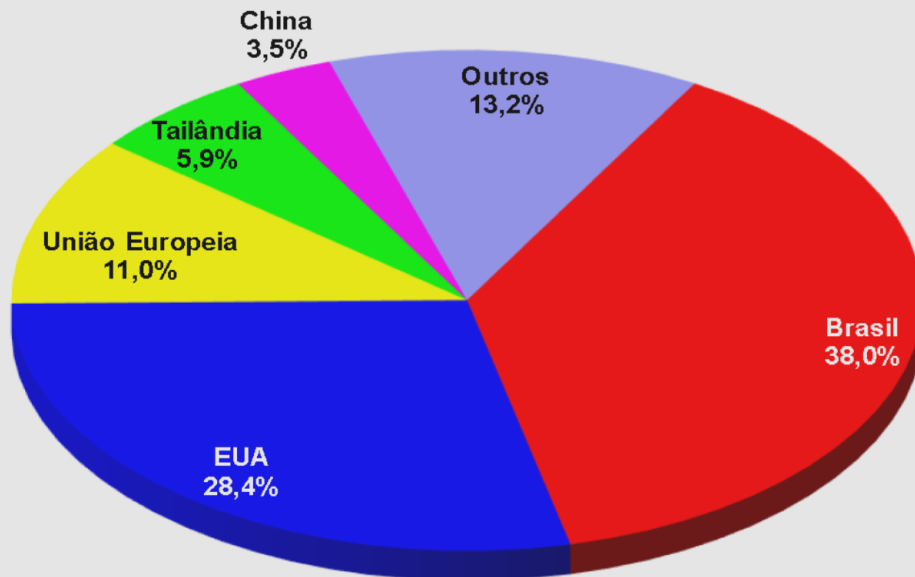


Índia: inclui exportação de carne de búfalo

Fonte: USDA, Bradesco



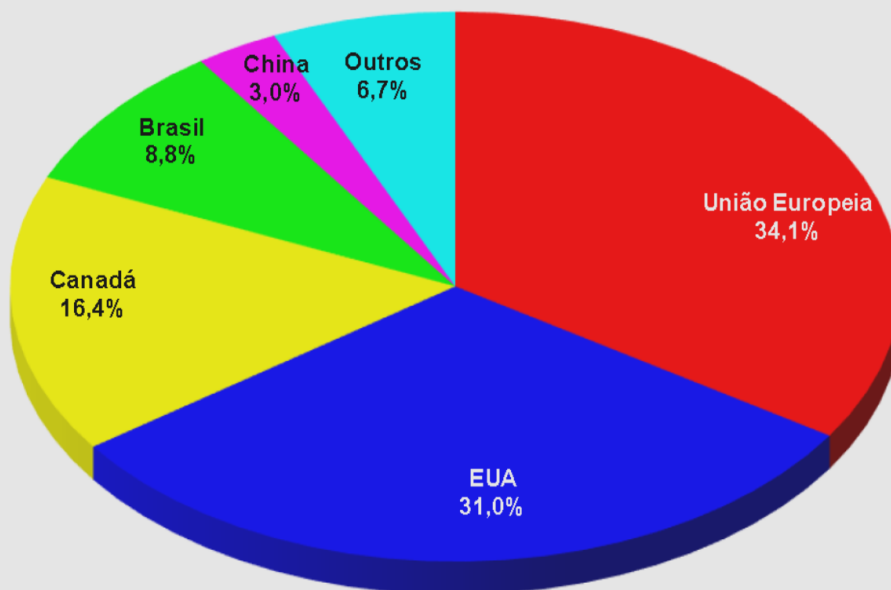
EXPORTAÇÃO DE CARNE DE FRANGO (ranking mundial – 2016)



Fonte: USDA, Bradesco



EXPORTAÇÃO DE CARNE SUÍNA (ranking mundial – 2016)



Fonte: USDA, Bradesco

